

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
Instituto de Geociências e Ciências Exatas  
Câmpus de Rio Claro

WESLEY MORAES DE OLIVEIRA

ASCENSÃO CHINESA E O BRASIL

Trabalho de Graduação apresentado ao  
Instituto de Geociências e Ciências Exatas  
- Câmpus de Rio Claro, da Universidade  
Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho,  
para obtenção do grau de Bacharel em  
Geografia.

Rio Claro - SP

2016

911      Oliveira, Wesley Moraes de  
O48a      Ascensão chinesa e o Brasil / Wesley Moraes de Oliveira.  
- Rio Claro, 2016  
41 f. : il., gráfs., tabs.

Trabalho de conclusão de curso (bacharelado - Geografia)  
- Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e  
Ciências Exatas

Orientador: Angelita Matos Souza

1. Geografia política. 2. Geopolítica. 3. EUA. 4. América  
Latina. I. Título.

## SUMÁRIO

- 1- RESUMO
- 2- A VELHA E A NOVA CHINA
- 3- A RELAÇÃO TRIANGULAR
- 4- CHINA E EUA
- 5- A CONSTRUÇÃO DA ARTICULAÇÃO PRODUTIVA ASIÁTICA
- 6- CHINA E AMÉRICA LATINA
- 7- A CHINA E O TIGRE DA AMÉRICA DO SUL
- 8- CONCLUSÃO
- 9- REFERENCIAS

## RESUMO

O presente trabalho se inicia com a construção histórica da China a partir do final da dinastia Qing, que teria sido a última a governar o país, sendo instaurado posteriormente o poder presidencialista com o partido nacionalista. O governo dura um período curto de tempo, pois logo o Partido Comunista Chinês liderado por Mao Zedong toma o poder, expulsando todas as influências estrangeiras que se mantiveram no interior do país desde as invasões do período do imperialismo europeu. Durante a maior parte do governo de Mao, foi mantida a relação com a URSS devido a afinidade ideológica, porém as tensões aliadas a outros fatores levariam ao fim das relações.

A relação China, URSS e EUA é importante para se compreender como estes países moldaram o mundo atual. A estratégia chinesa foi de aliar-se hora a uma, hora a outra potência, de forma a beneficiar-se dos conflitos que dividiam as duas. Mesmo não sendo uma potência nuclear, foi capaz de influenciar o andar da política internacional em meio a dois gigantes, pois a China era um jogador “grande” demais para ser ignorado ou submetido ao domínio das demais potências. Foi neste contexto que se desenrolou a relação siamesa EUA-CH, na qual uma depende da outra pela oferta de manufaturas, mercado consumidor e crédito.

Também é importante abordar o desenvolvimento do capitalismo asiático, pois os tigres e os novos tigres asiáticos ofereceram a possibilidade para que o “Império do Meio” pudesse importar capital produtivo, IDE e se tornar o centro manufatureiro asiático. Ainda dentro deste contexto também podemos traçar um paralelo do desenvolvimento destas economias e a América Latina, analisando o desenvolvimento industrial dos NIPs (Novos Países Industrializados) e como alguns se beneficiaram ou foram prejudicados pelas assimetrias de troca. No caso da AL veremos que tem ocorrido a re-primarização da economia devido a passividade política dos Estados, a China tem custeado a infraestrutura para importar commodities enquanto suas manufaturas prejudicam as indústrias latino-americanas pela concorrência.

A ascensão chinesa, porém, não é caracterizada apenas pelos aspectos comerciais, no plano político, a emergência do país levou a relativização da hegemonia norte-americana, pela maior participação tanto da China como de países emergentes em fóruns internacionais de caráter multilateral. Observamos desde o período de Mao, a maior importância que o país deu aos subdesenvolvidos, pela abordagem chinesa da teoria dos

três mundos, na qual se oferece um argumento teórico para se manter relações com outros países independente de sua afinidade ideológica.

Por fim os impactos da ascensão chinesa para o Brasil são analisados sob os aspectos comerciais e geopolíticos, para se compreender os efeitos atuais e as possibilidades futuras, a seguir a abordagem é feita com a análise de dados sob o aspecto comercial e político

## A VELHA E A NOVA CHINA

Em 1911 grupos revolucionários destronam o último imperador Qing, pondo fim a dois mil anos de história dinástica. Foi instaurada a República da China, tendo sido estabelecido o Partido Nacionalista. Após a morte de Yuan Shikai (primeiro presidente) houve grande instabilidade e mais centralização do poder, sendo muitas vezes o domínio exercido por militares pelo território, assim eclodiam revoltas populares e influência de ideologias estrangeiras penetravam na juventude intelectual que funda na universidade de Beijing a revista Nova Juventude que disseminou ideias que contribuíram para o movimento do 4 de maio de 1919, quando milhares de chineses protestaram contra o fracasso do governo em conter a presença de estrangeiros e seus privilégios em território chinês, surge um movimento cultural chamado Nova Cultura que tinha como pauta a modernização da sociedade. Nesse contexto, um dos colunistas da revista Nova Juventude passa a promover na Universidade de Beijing leituras marxistas, assim vindo da província de Hunan, de origem camponesa, Mao Zedong participa dos estudos e em 1921 é fundado o Partido Comunista.

Os partidos nacionalista e comunista acabam por entrar em conflito, liderado por Mao Zedong o PCC (Partido Comunista Chinês) ganha força durante a Grande Marcha, apoiando sua força nos camponeses que haviam sido deixados à margem pelo governo. Por fim os nacionalistas são derrotados e fogem para Taiwan onde irão permanecer e se auto declarar a verdadeira China.

Mao Zedong implanta uma série de mudanças com objetivo de expurgar da China as influências estrangeiras que ocuparam o país gradualmente desde o período de colonização. Um capítulo importante desta história foi a Revolução Cultural, a partir de 1966 uma perseguição aos valores confucionistas e conservadores e qualquer pensamento que pudesse ser considerado anti-revolucionário, burguês ou contra o PCC, muitos intelectuais que fizeram parte do Nova Juventude foram enviados a reeducação no campo. Tais perseguições se davam através da Guarda Vermelha, mesmo os integrantes do PCC não estavam isentos de serem alvos destes jovens, o próprio Zhou Enlai (Primeiro ministro chinês) colocou-se em risco ao intervir pessoalmente para que estes não destruíssem a cidade proibida. ‘Pela primeira vez na história, a igualdade passou a ser um valor em uma cultura que, até então, era baseada na legitimidade da tradição e da meritocracia

das elites letrada”. (ROSANA PINHEIRO MACHADO). Mao foi o primeiro governante desde a unificação da China a acabar com as tradições chinesas como um ato deliberado de política de Estado. (KISSINGER H, 2011, p.105)

O sistema educacional chinês – até então espinha dorsal da ordem social chinesa – estacou, com aulas suspensas indefinidamente de modo que a geração mais jovem pudesse andar pelo país e cumprir a exortação de Mao de “aprender a revolução fazendo a revolução”

Muitos desses jovens subitamente livres de qualquer constrangimento se juntaram a facções dos Guardas Vermelhos, milícias de juventudes unidas por fervor ideológico, operando acima da lei e fora das (e muitas vezes em oposição a elas) estruturas institucionais comuns.

Mao Zedong aprovou seus ataques violentos contra a burocracia existente do PCC e contra os costumes sociais tradicionais e encorajou-os a não temer a “desordem” conforme lutavam para erradicar os “Quatro Velhos” – velhas ideias, velha cultura, velhos costumes, velhos hábitos – que para o pensamento maoísta, haviam mantido a China enfraquecida. (KISSINGER H. 2011, p. 197)

A Revolução Cultural se encerra por comando do próprio Mao, porém teve como consequência desestruturar em parte o que este chamou de “os quatro velhos” (cultura, costumes, hábitos, ideias), foi a primeira vez em sua história que as tradições e valores milenares perderam sua legitimidade perante o Estado, pois mesmo durante os ciclos dinásticos, a dinastia dominante aderiu a estes valores em um processo de “achinesamento” quando já não possuíam a mesma construção cultural.

Deng Xiaoping, que emerge como líder após a morte de Mao Tsé-Tung é, para muitos o introdutor da combinação “comunismo com capitalismo” e uma série de reformas econômicas (as quatro reformas) que levaria a ascensão recente do gigante asiático e abririam o país para o mundo liberando uma quantidade enorme de ativos e acentuando sua aproximação com os EUA.

Para que fosse possível introduzir suas reformas, Deng precisaria começar pela estrutura política no próprio governo, era necessário revitalizar o PCC com intuito de não centralizar o poder em um único líder da forma como ocorreu com Mao, assim foram criados novos postos para os integrantes mais antigos e foram introduzidos novos membros com educação universitária ao poder. Isso teria favorecido a governabilidade de Deng que buscava abandonar o conservadorismo econômico de muitos membros do PCC. Nas novas políticas, foram adotadas estratégias de tentativa e erro, cada reforma era implementada de forma gradual ao invés de uma drástica mudança em toda a economia

que poderia causar problemas. Em 1979 foram criados os ‘campos de testes’ das políticas econômicas capitalistas, as primeiras ZEE – Zonas Econômicas Especiais. A localização próxima a enclaves de capitalismo chinês como Hong-Kong e Macau favoreceu a entrada de empresários chineses atraídos pela mão obra e terras baratas e incentivos fiscais no primeiro momento. Foi esse capital que formou a base estrutural dessas regiões (que sofriam da falta da mais básica infraestrutura) e abriu as portas para a segunda onda de investimentos, que viria de todos os cantos do planeta. (QUAGIO, 2009).

O objetivo do PCC era aumentar suas reservas de moeda estrangeira através das exportações, e submeter multinacionais interessadas nos benefícios chineses ao sistema de joint-venture. O caminho escolhido pela China neste período foi copiar a tecnologia estrangeira (o que se tornaria uma das principais preocupações das multinacionais), além de enviar estudantes ao exterior para aprender que retornassem posteriormente e ajudassem a modernizar a indústria chinesa. Em longo prazo o objetivo era atingir a capacidade de inovação tecnológica. Devido as importações de bens de capital fixo que dariam início a modernização produtiva que possibilitaria o IDE, a balança comercial chinesa esteve em déficit durante a década de 1980.

Em 1984 as políticas das ZEE se estenderiam a outras catorze cidades, essas regiões seriam modernizadas e propícias ao florescimento do capitalismo, com entrada da China para o mercado capitalista, as possibilidades de acumular capital irão atrair uma diversidade grande de empresas que viam seus lucros caírem como foi citado no caso das Novas Economias Industrializadas asiáticas (NIE). O Estado chinês deixa de encarregar-se de muitos compromissos sociais como manter todos empregados, agora cada um deveria procurar emprego por conta própria no setor privado, quando começam a ocorrer as demissões, muitos veem nas ZEE a oportunidade de explorar o setor terciário que era pouco expressivo até então (chega a atingir 30% do PIB). As pequenas empresas privadas que surgiam eram limitadas apenas às famílias e não havia sistema de crédito bancário, a solução para muitas famílias foi ajudar-se, procurar ajuda de parentes que pudessem financiar seus investimentos. Os bancos só ofereciam crédito às Estatais, que em maioria drenavam os recursos do Estado excessivamente e tinham baixa produtividade, outras se aproveitaram da entrada de tecnologia estrangeira para modernizar sua produção e se tornariam grandes empresas que colocariam pela primeira vez uma grande quantidade de eletrodomésticos no mercado.

Na década de 1990 a China passa a ter um superávit em sua balança comercial, assim o governo passa a incentivar o consumo interno de mercadorias. Deng não introduziu apenas as modernizações, em sua viagem ao sul da China onde se localizavam as primeiras ZEE Deng pronuncia novas ideias e valores, expressos em uma frase “É glorioso enriquecer” até pouco tempo atrás tal pensamento seria uma calamidade. As transformações políticas e econômicas permitiriam agora o acúmulo de riqueza, porém permaneciam os efeitos da Revolução Cultural que perseguiu qualquer prática ou ideia que pudesse se relacionar a empreendedorismo, capitalismo, assim a viagem de Deng por regiões nas quais se introduzia este novo modelo econômico quebrando a velha ideologia que condenava tais modernizações foi importante para reduzir a resistência popular a economia de mercado. O sonho Chinês que outrora fora trabalhar em uma empresa estatal como eram conhecidos seus funcionários, os “tigelas de aço” como referência a não ter falta de comida, foi substituído pelo sonho do empreendedorismo. (QUAGIO I, 2009)

Por outro lado, a economia de mercado também trouxe males que inexisteriam na sociedade chinesa como prostituição e criminalidade, aumento da corrupção, altas taxas de desemprego. A modernização do campo libera um enorme contingente populacional que se direciona as ZEE, muitos para o setor terciário, assim como um significativo contingente populacional que será demitido das estatais falidas, elevando expressivamente a atividade neste setor como foi citado anteriormente, atingindo até 30% do PIB.

As novas mercadorias vem carregadas de valores e ideias, o consumo interno cresce a partir da década de 1990 e a China passa a viver uma nova fase, a “Revolução do Consumo e das Aparências” assim como durante a Revolução Cultural houve a tentativa de expurgar os antigos valores tradicionais para “reconstruir” a cultura chinesa, a modernização traz novos valores que se sobrepõe aos anteriores, e o consumismo passa a fazer parte da sociedade que se orgulha do desenvolvimento chinês que se expressa para o chinês pelo consumo de mercadorias. As mudanças também ocorreram no âmbito da estética, da moda, o uniforme padronizado da era Mao foi substituído pela diversidade de modelos de roupas, a vaidade outrora reprimida agora se expressa em clínicas de tratamento estético, plásticas, botox e todo tipo de consumo de estética moderna.

## A RELAÇÃO TRIANGULAR

Nas últimas décadas o crescimento da economia chinesa tem mudado a geopolítica mundial, do ponto de vista do comércio internacional, em 2009, a China alcançou o posto de maior global player, superando as potências EUA e Alemanha. Segundo José Luís Fiori (2013), ao discorrer sobre “o caso do extraordinário desenvolvimento econômico chinês das últimas décadas”, analistas diversos costumam salientar o papel das políticas liberalizantes de Deng Xiaoping, considerado o pai do “milagre econômico chinês”. Entretanto, para o autor a história é mais antiga e remete às relações com a União Soviética e, no contexto da guerra-fria, com os EUA. Para o autor a inimizade com a URSS foi fundamental, pois teria levado a China a buscar a associação com os Estados Unidos e o desenvolvimento de uma indústria bélica. Para Fiori, a associação se tornará cada vez mais estreita a partir de meados dos anos 1970 quando uma nova estratégia militar e econômica encerraria definitivamente a Revolução Cultural chinesa (1965-1974) e promoveria o fortalecimento e a centralização do Estado. A URSS era definida como a principal ameaça à segurança chinesa, e deveria ser contida através de uma política militar de “defesa ativa”, e de uma estratégia política-diplomática “ofensiva”, de reaproximação com os EUA. (FIORI, 2013)

As relações de interdependência entre as duas nações moldaram o mundo atual, conforme Pinto (2011), um mundo diferente da que caracterizou o da divisão bipolar EUA-URSS, que dividia o mundo em dois blocos – o capitalista, liderado pelos Estados Unidos, Japão e Alemanha, e o socialista, liderado pela União Soviética. Entre os dois blocos não havia espaço para complementaridades como as que caracterizam as relações EUA-China. O caráter triangular da relação se inicia no período de guerra fria, quando Mao Zedong em manobras diplomáticas estabelece relações com Moscou com o Tratado de Amizade. Apesar da questão ideológica semelhante entre China e Moscou a relação entre ambas foi marcada por constantes atritos entre ambas as partes, sendo neste caso a aproximação caracterizada como necessidade frente a ameaça norte americana. Diversas crises entre Pequim e Moscou levam a conflitos nas regiões fronteiriças, a partir daí Pequim adota a política diplomática ofensiva se aliando aos EUA e estabelecendo conjuntamente a estratégia da “linha horizontal” de contenção a URSS, e com o comprometimento norte americano de não buscar expansão territorial na Ásia.

Com a aproximação com os EUA, os dois países se comprometiam a não buscar hegemonia na região Ásia-Pacífico e a se oporem a esforços de qualquer outro país ou grupos de países que buscassem a hegemonia. A China se comprometia a não apoiar as políticas soviéticas contra os Estados Unidos no Leste Asiático. Em troca, os Estados Unidos usariam sua influência para impedir um ataque soviético contra a China e deixariam de bloquear os esforços chineses para expandirem seus próprios contatos e influência. Um dos principais resultados da reaproximação foi a rápida expansão das relações diplomáticas de Beijing com os aliados norte-americanos e sua admissão na ONU como representante oficial do povo chinês (NOGUEIRA, 2012 p.11)

No livro ‘‘Sobre a China’’ Henry Kissinger discorre sobre a problemática da relação triangular e a diplomacia de cada uma das nações, o autor caracteriza a instabilidade da aliança chinesa com as duas potencias hora aliando-se a uma hora a outra. As oscilações ocorrem principalmente durante os períodos de conflitos da Guerra da Coreia e da crise do Estreito de Taiwan, onde Mao se utilizava da diplomacia com as duas potencias de forma a beneficiar a China. Uma forte expressão deste comportamento pode ser observada na segunda crise do estreito de Taiwan, que leva Moscou e EUA a abandonar a política de coexistência pacifica e realizar mutuamente ameaças nucleares em um conflito por um complexo de ilhas que pouco possuía valor para Moscou, Pequim ou EUA.

A China ressurgiu no cenário global com o episódio da Guerra da Coréia, quando os chineses enfrentam os EUA impedindo o avanço destes sobre o paralelo 38, ao mesmo tempo ocorre a primeira crise do estreito de Taiwan em que Moscou recusa auxilio (deteriorando as relações que já estavam se degradando), neste contexto Mao Zedong proclama a China imune a ameaças nucleares justificando sua afirmação pelo contingente populacional chinês frente as demais potencias, de certa forma teria sido uma forma de se declarar independente tanto do apoio quanto da ameaça nuclear seja de Moscou ou dos EUA, pensamento que seria compatível a Teoria dos Três mundos proclamada por Zou Enlai neste momento, cujo objetivo era servir de base teórica para desvincular os países em desenvolvimento das duas potencias. Segundo esta nova abordagem dos ‘‘três mundos’’ as potências nucleares EUA e URSS constituiriam o primeiro mundo, os países desenvolvidos o segundo, e os subdesenvolvidos pertenciam ao terceiro mundo. Observamos assim a mudança do caráter bipolar em sua teoria que seria coerente com a política chinesa de aliar-se hora a uma ou outra potência e aproximar-se de países não alinhados de forma a desvincular a questão ideológica das relações comerciais e políticas externas, enfraquecendo a hegemonia americana e soviética.

## CHINA E EUA

Tendo servido aos interesses norte-americanos de enfraquecimento da URSS, a parceria EUA-China se estreitaria significativamente após o fim da URSS (embora a China também tenha se aproximando da Rússia). E longe de enfraquecer a hegemonia norte-americana, o casamento China-EUA teria fortalecido a posição de potência mundial dos EUA, financiando seus déficits (e assim parte das despesas militares) e promovendo o barateamento da produção por meio da transferência de unidades produtivas para a Ásia e da entrada de produtos manufaturados baratos no mercado americano. Por sua vez, a abertura do mercado norte-americano aos produtos chineses foi decisiva ao denominado “milagre chinês” e emergência da China como “fábrica do mundo”. O país é o maior credor dos EUA, com reservas ultrapassam os U\$\$ 3,5 trilhões, dos quais em torno de 70% estariam aplicados em dólar. As relações de interdependência entre as duas nações moldaram o mundo atual, conforme Pinto (2011), um mundo diferente da que caracterizou o da divisão bipolar EUA-URSS, que dividia o mundo em dois blocos – o capitalista, liderado pelos Estados Unidos, Japão e Alemanha, e o socialista, liderado pela União Soviética. Entre os dois blocos não havia espaço para complementaridades como as que caracterizam as relações EUA-China.

A ascensão em curso da China, associada ao elevado poder dos Estados Unidos, difere da organização do sistema bipolar do período da Guerra Fria (Estados Unidos e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas – URSS), pois a competição pela acumulação de poder mundial entre Estados Unidos e China vem acompanhada de tensões geopolíticas, sobretudo após a crise internacional de 2008, e de complementaridades econômicas profundas no plano comercial, produtivo e financeiro, configurando uma relação siamesa entre estes dois países – não é para menos que o presidente Barack Obama “batizou o relacionamento China/EUA como concorrência amistosa” (...) –, tendo os Estados Unidos claramente maior poder nesse processo, ainda que em termos relativos, menor do que o que tinha antes da crise. (PINTO, 2011, p.20)

As mudanças comerciais, produtivas e financeiras no início do século XXI são caracterizadas pela intensificação dos fluxos de importações e exportações entre China e EUA, e em consequência também o expressivo déficit da balança comercial americana.

**Evolução das exportações e importações – mundo, Estados Unidos e China, 1980-2010**  
(Em US\$ bilhões correntes)

	Exportações			Importações		
	China – Mundo	Estados Unidos – Mundo	Mundo	China – Mundo	Estados Unidos – Mundo	Mundo
média (1980-1989)	31	250	2.169	35	351	2.214
média (1990-1999)	129	552	4.525	114	737	4.665
2000	249	782	6.360	225	1.259	6.594
2001	266	729	6.127	244	1.179	6.377
2002	326	693	6.419	295	1.200	6.615
2003	438	725	7.465	413	1.303	7.729
2004	593	819	9.123	561	1.525	9.458
2005	762	907	10.437	660	1.735	10.744
2006	969	1.038	12.107	792	1.918	12.331
2007	1.218	1.163	13.826	956	2.020	14.303
2008	1.429	1.301	15.975	1.132	2.169	16.509
2009	1.202	1.057	12.353	1.004	1.605	12.735
média (2000-2009)	678	863	9.780	611	1.565	10.101
2010 <sup>1</sup>	990	823	9.474	886	1.277	9.824

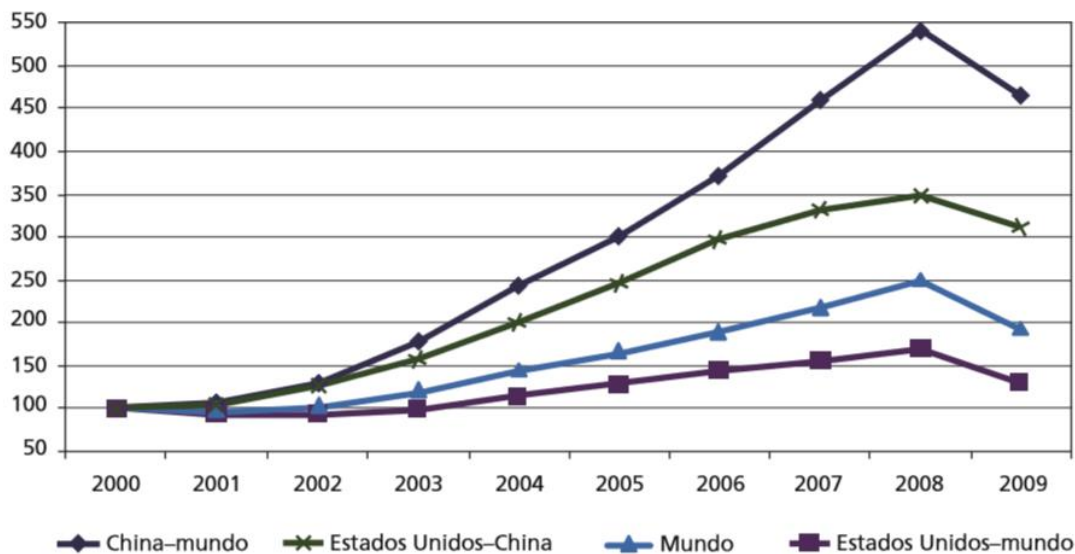
Fonte: Direção de Estatísticas Comerciais/FMI.

Elaboração do autor.

Nota: <sup>1</sup> Acumulado dos três primeiros trimestres do ano.

ANEXO 1

**Evolução da corrente de comércio<sup>1</sup> – mundo, Estados Unidos e China, 2000-2009**  
 (2000 = 100)  
 (Em US\$ correntes)



Fonte: Direção de Estatísticas Comerciais/FMI.  
 Elaboração do autor.  
 Nota: <sup>1</sup> Soma das exportações e importações.

## ANEXO 2

Há sob alguns aspectos o questionamento sob a existência de uma prática imperialista por parte do PCC. Segundo Harvey (2003) as práticas imperialistas, do ponto de vista da lógica capitalista, referem-se tipicamente exploração das condições geográficas desiguais sob as quais ocorre a acumulação do capital, aproveitando-se igualmente do que chamo de as ‘assimetrias’ inevitavelmente advindas das relações espaciais de troca. Como observado, as relações de troca em escala global têm favorecido o acúmulo de capital na China de forma diferenciada nas últimas décadas, uma significativa expressão disso foi a redução de 40% da população mundial em estado de extrema pobreza nas últimas décadas, sendo que uma parcela expressiva deste percentual corresponde a chineses.

## A CONSTRUÇÃO DA ARTICULAÇÃO PRODUTIVA ASIÁTICA

Além do importante papel de Deng, o desenvolvimento do capitalismo chinês não pode ser entendido sem compreendermos a construção da articulação produtiva asiática e sua relação com os EUA. A intervenção deste na Ásia no período pós segunda guerra mundial foi caracterizada pelo que Ozawa chamou de “macroeconomia de indução ao crescimento” acordos políticos, econômicos (como a adoção do dólar como moeda de reserva de valor) a presença de bases militares americanas na região para evitar o surgimento de um hegemon asiático, e pela abertura da economia americana para esses países, podemos citar ainda que esta contenção em parte se referia a Moscou.

O desenvolvimento econômico destes países se concretiza caracterizado pela ampla participação estatal, para coordenar a fase de *catch up*. O Estado Japonês praticou diversas políticas que possibilitaram o processo de *expertise* durante o período de *catch up*, como o controle de preços e quotas de produção baseado na formação compulsória e controlada de carteis em setores chaves da economia, é importante o papel dos EUA neste desenvolvimento pois foi responsável por absorver a produção industrial japonesa e transferir expertise para as mesmas. Logo o crescem os déficits comerciais entre EUA e Japão devido à perda de competitividade das empresas americanas conforme as empresas nipônicas atingiam maior domínio tecnológico, conjuntamente o choque do petróleo da década de 1970 levam os EUA a reagir afim de sustentar sua economia, realizando uma reorganização produtiva que buscasse reduzir o custo de produção ao transferir unidades produtivas e desvalorização do dólar que levaria a queda do iene e ainda foram impostas cotas as exportações japonesas, além de serem removidos os privilégios comerciais de fácil acesso ao mercado americano. As transformações conhecidas como o “Choque Volker”, e a virada neoliberal levaria a financeirização da economia e o predomínio desta sobre o capital produtivo (surgindo uma nova elite capitalista), assim a reorganização produtiva promove a tendência da transferência de unidades produtivas para os NIPs que apresentavam facilidade de acesso ao mercado americano, mão de obra barata, moeda desvalorizada e infraestrutura produtiva, logo um fluxo de IDE americano e nipônico uma vez que os japoneses precisariam reduzir o custo de produção para manter a competitividade.

O deslocamento do processo produtivo levou os japoneses a focar a produção nos setores intensivos em tecnologia e menos em mão de obra, logo muitas das exportações

nipônicas partiriam destes. A tendência de transferência de capacidade produtiva para manter a concorrência, levaria a especialização produtiva em setores de alto conteúdo tecnológico por meio da montagem das importações nipônicas nas novas economias industrializadas, (Coreia, Taiwan e Hong Kong). A integração produtiva asiática se fortalece por este processo à medida que muitas manufaturas deixam de ocupar a pauta de produção e exportação japonesa, a construção de um complexo industrial competitivo nestes países passa a oferecer concorrência a medida que avançam a fronteira tecnológica.

Observamos nos NPIs (novos países industrializados), a ocorrência de políticas industriais fortemente protecionistas que tinham como objetivo aumentar a capacidade de exportação e avançar na fronteira tecnológica, a seletividade na pauta de exportações que favorecia produtos de maior nível tecnológico agregado, o IDE americano e japonês favoreceram o processo de expertise, os NPIs passam a oferecer concorrência em setores antes ocupados apenas pelos países desenvolvidos. Logo se repetiria o processo de reestruturação produtiva asiática, os EUA reagindo a concorrência e sua balança comercial em déficit eliminando os benefícios comerciais outrora concedidos a estes países e realiza pressões sobre a política cambial para valorizarem suas moedas. Assim ocorre uma segunda onda de industrialização, os NIE-2 que apresentavam baixo custo de produção e poucas restrições ao mercado americano e europeu, também possuíam moeda desvalorizada em relação ao dólar, porém a passividade do Estado em relação as políticas industriais foi um obstáculo para incorporação de setores industriais modernos, o que impediu o maior ganho de produtividade, dificultando posteriormente o desenvolvimento econômico. Considerando ainda a depreciação do iene frente ao dólar a partir de 1995 e a indexação das moedas dos demais países asiáticos ao dólar, leva a depreciação destas moedas em relação ao iene. Estes fatores levam a mudança no padrão de financiamento externo uma vez que a economia japonesa entra em recessão, enquanto os NIE-1 recebiam IDE de longo prazo, os NIE-2 passam a receber investimentos de curto prazo como investimentos de portfólio. Dessa forma a lucratividade do capital produtivo nestes países são reduzidas sem que estes atinjam o mesmo grau de desenvolvimento industrial dos NIE-1.

Muitas empresas são transferidas do Japão e dos NIE para a China com intuito de manter a competitividade, uma vez que esta manteve sua moeda desvalorizada, as políticas industriais chinesas favoreceram o desenvolvimento industrial e tecnológico deixando assim as atividades mais simples da cadeia produtiva para os demais países.

Gradualmente os NIE-1 e NIE-2 redirecionam parte de suas exportações para a China que passa exercer o papel de financiador e consumidor da produção asiática, se colocando assim como centro manufatureiro asiático.

O Estado chinês exerceu papel ativo no desenvolvimento econômico durante este período, com uma política cambial de manter sua moeda desvalorizada, estável e de desincentivo a especulação através de restrições a operações financeiras e investimentos de portfólio.

Na visão do governo chinês, o IDE era um elemento-chave considerado a melhor maneira de se alcançar três diferentes tarefas I) aumentar a participação do país nas exportações mundiais II) favorecer seu acesso as fontes externas de capital e tecnologia avançada; e III) introduzir modernas técnicas administrativas nas empresas chinesas. Ademais, a entrada de IDE foi estimulada para também ampliar a concorrência, expandir a estrutura produtiva, assim como disponibilizar recursos e tecnologias para os setores típicos da Terceira Revolução Industrial – tecnologia de informação, microeletrônica etc. (RODRIGO P, APUD-ACIOLY L, 2005 p 130)

....Ao contrário de vários países da região, que no momento anterior a 1997 foram inundados por capitais externos de curto prazo –graças aos processos abruptos de liberalização financeira – e viram minguar a entrada do IDE, a China manteve fechada a entrada dos demais tipos de investimentos que não os diretos. Isso foi resultado da estrutura de reformas chinesas na qual a abertura das finanças esteve subordinada aos objetivos da política industrial e de inserção externa autônoma do país. (RODRIO P, ACIOLY L, 2005; MEDEIROS C.A, 2010, p. 131)

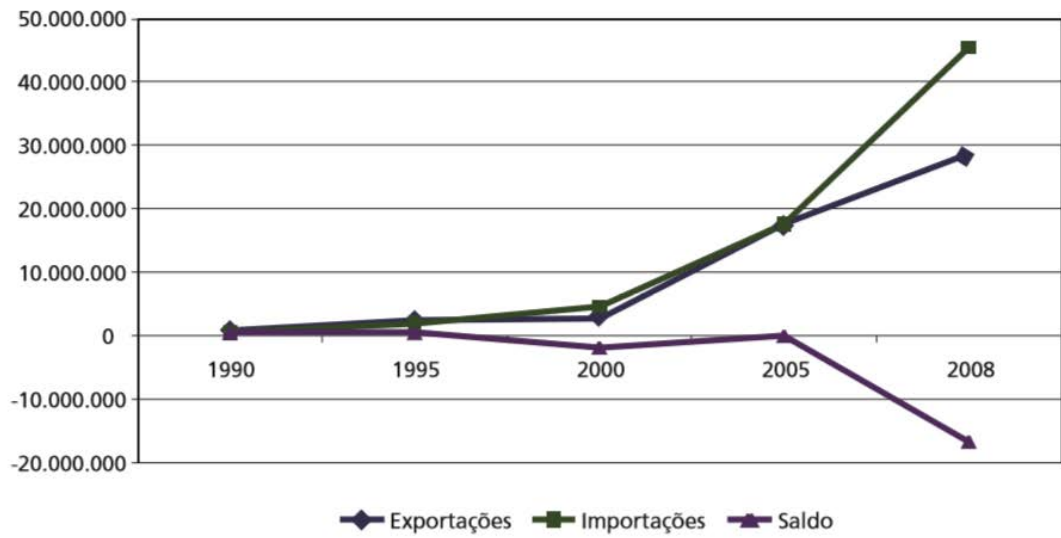
## CHINA E AMÉRICA LATINA

A aproximação chinesa da AL é estratégica em diversos aspectos, para garantir o abastecimento de commodities; para escoamento de sua produção de manufaturas (tanto no mercado formal quando informal que escoo pelo Paraguai); assegurar alianças estratégicas principalmente através de organizações multilaterais; e ainda isolar Taiwan, uma vez que 12 países da AL reconhecem a soberania taiwanesa, conflito este que favorece a “barganha” política em favor de alguns destes países latino americanos.

Nas relações econômicas entre América Latina e China, observamos algumas características associadas aos países que se beneficiam da imensa demanda por commodities e ao mesmo tempo, havendo riscos pela instabilidade da concorrência internacional em muitos segmentos. Devido à concorrência chinesa nos segmentos de algumas manufaturas, surge a dependência do mercado dos EUA, na mesma lógica qualquer parque industrial diversificado é prejudicado pela concorrência, diferente da Europa onde a competitividade levou as indústrias a manter o desenvolvimento nos setores de alta tecnologia e qualidade evitando a concorrência ao se destacar pela superioridade qualitativa.

Mutualmente observamos a industrialização chinesa e a desindustrialização da América Latina, como muitos autores apontam tem ocorrido a re-primarização da economia brasileira assim como de outras regiões da América Latina. Tais mudanças proporcionadas pela alta das commodities e baixa de manufaturas (“efeito china”), também levaram a um aquecimento do comércio entre estas regiões, enquanto as exportações da América Latina para a China aumentaram em 36 vezes contra 127 de importações, podemos constatar ainda que 90% desse fluxo ocorre com Brasil, Argentina, Chile e Peru, sendo que os dois últimos são os únicos da América Latina que não tem sua balança comercial em déficit nesta relação.

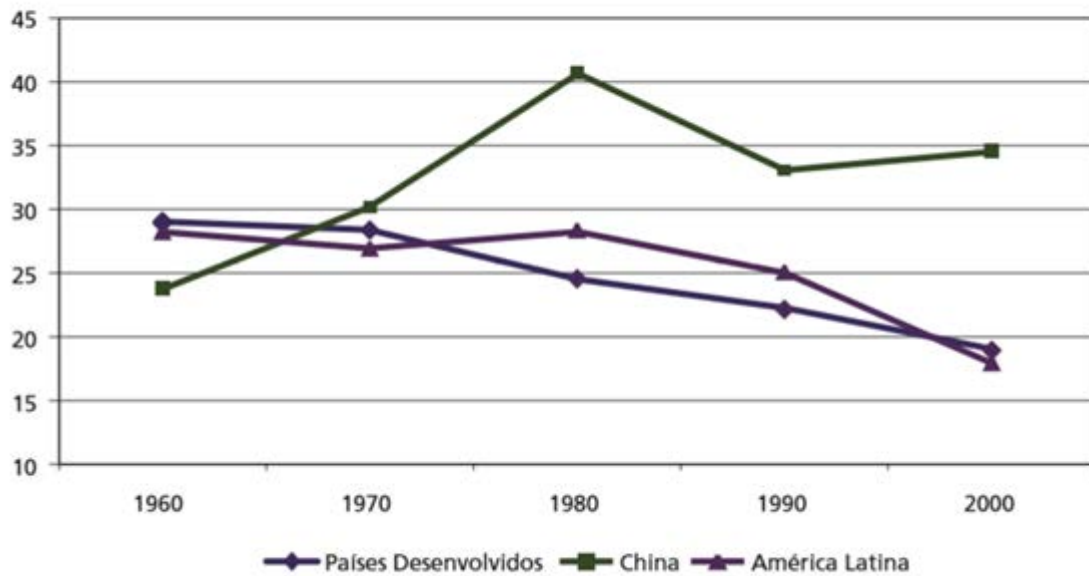
**Exportações, importações e saldo comercial da América Latina com a China – 1990-2008**



Fonte: Cepal.

**ANEXO 3**

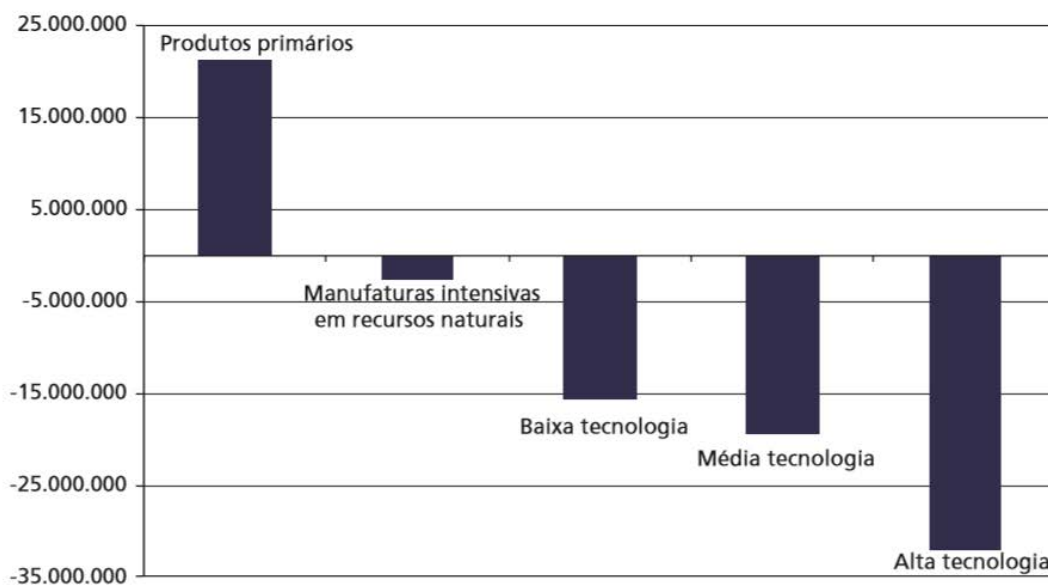
**Participação da indústria de transformação no PIB por grupos de países (Em %)**



Fonte: UNCTAD.

**ANEXO 4**

**Saldo comercial da América Latina com a China por categorias de produto, 2008**  
(Em US\$ milhares)



Fonte: Cepal.

## ANEXO 5

A China se transformou no principal parceiro comercial do Brasil, no segundo maior mercado para o Chile e segundo maior parceiro comercial do Peru. Especialmente Argentina, Brasil, Chile e Peru se transformaram em grandes exportadores de commodities para a China. No setor petrolífero a presença chinesa na região só fez aumentar nos últimos anos, assim como no setor da construção civil/grande engenharia e em transportes. A Venezuela tem sido o principal destino dos investimentos chineses na América Latina, companhias chinesas que atuam no setor de petróleo têm realizado grandes investimentos naquele país, assim como obras públicas na área da construção civil tocadas por empresas chinesas (por vezes, em prejuízo de empresas brasileiras). Na Argentina, a petroleira China National Offshore Oil Corporation (CNOOC) já é a segunda maior petroleira do país, atrás apenas da estatal YPF, sendo o maior investimento a aquisição, em março de 2010, de 50% da petroleira argentina Bridas, que, em seguida adquiriu 60% da Pan American Energy. Nem a nacionalização da YPF em 2012, afastaria a China, que se associou à estatal argentina para a exploração de petróleo de xisto na gigantesca reserva de Vaca Muerta. No Peru, empresas chinesas se concentram no setor energético – petróleo e gás –, e na exploração de riquezas minerais. No Equador a presença chinesa tem aumentado desde a moratória parcial em 2008, o país sul-americano passou a ter nos chineses seus principais credores, podendo ser a decisão de explorar o óleo extraído do Parque Nacional Yasuní, que tanto desagradou ambientalistas,

demandada pela China. No Brasil, em outubro de 2010, a Sinopec, maior refinaria chinesa, adquiriu 40% da espanhola Repsol, em 2011 expandiu suas operações no país com a aquisição de 30% das operações da petroleira portuguesa GALP. No ano passado, as chinesas CNPC e CNOOC fizeram parte do consórcio vencedor do leilão para a exploração da bacia de Libra, maior reserva de petróleo do Brasil.

A demanda chinesa por commodities, como é conhecido, contribuiu decisivamente para com o crescimento econômico em países da região. Contudo, num contexto muito favorável às exportações de produtos primários para a China e importações de produtos manufaturados baratos da China, as relações com a China preocupam pois tendem a promover desindustrialização (ou não industrialização) e especialização produtiva. Além disso, para o Brasil em especial, do ponto de vista dos mercados externos, a expansão chinesa em países nos quais empresas brasileiras atuam tem significado perda de mercados face ao país asiático, que pode promover parceria/financiamentos mais atrativos que o Brasil. (SOUZA, 2013)

Em 2009, a China ultrapassou os Estados Unidos como o principal parceiro comercial do Brasil, sendo a demanda chinesa por commodities bastante importante para assegurar o crescimento da economia brasileira durante os governos Lula, especialmente a partir de 2006, assim como na resposta brasileira à crise que eclodiu em 2008, quando o governo adotou políticas anticíclicas de expansão dos gastos, obtendo efeitos positivos para a economia. Mas interessa destacar que num contexto muito favorável às exportações de produtos primários e importações de produtos manufaturados baratos da China, as relações tanto ajudam como ameaçam o Brasil, acirrando a tendência à desindustrialização e, do ponto de vista dos mercados externos, o expansionismo chinês sobre mercados nos quais empresas brasileiras atuam tem preocupado empresários brasileiros.

Na Argentina, os produtos chineses mais que triplicaram sua participação nos últimos dez anos, em 2005, o Brasil respondia por 36,5% do que os argentinos compravam do exterior, ano passado a participação já havia caído para 26,5% e, no primeiro bimestre de 2014 já estaria em 24,8%. “(...) O movimento é preocupante diante da importância do mercado argentino, que consome do exterior essencialmente produtos industrializados. É para lá que vai a maior parte dos manufaturados, os bens mais elaborados da indústria brasileira”<sup>4</sup>. Na Venezuela, em programas sociais na área da habitação, no setor de vendas de máquinas brasileiras a concorrência chinesa também tem

atrapalhado o Brasil (Folha de São Paulo, 10/05/2011, caderno Mundo). E por toda parte avança a presença chinesa nos investimentos diretos e indiretos (financiamentos) de países latino-americanos. Para o Brasil, o aumento da dependência face à China não deixa de ser preocupante, tanto do ponto de vista da especialização produtiva (desindustrialização), de vínculos de dependência com mais uma potência, como para as ambições brasileiras de liderança regional (hegemonia). Não obstante, também abre oportunidades de negócios e investimentos que têm sido estimulantes à economia brasileira nos últimos anos.

No que se refere as mudanças internas da América Latina devido ao ‘‘efeito china’’ foi a mudança da articulação comercial internas devido a concorrência chinesa no setor de manufaturas, o que na ausência de políticas de fomento a indústria como ocorreu nos NPIs, proporciona a mudança nas atividades econômicas internas destes países, levando ao que foi citado como ‘‘reprimarização da economia’’. A aproximação do dragão asiático por outro lado favorece a flexibilização de acordos políticos, diferente da relação unilateral com os EUA, sendo mais vantajoso um parceiro comercial de relações geopolíticas bilaterais onde não ocorre imposição de políticas e acordos econômicos.

A presença de IDE chineses na América Latina é caracterizado por transnacionais voltados a infraestrutura para produção e exportação de commodities, e pelo baixo investimento em IDE nos países que assinaram tratado de livre comércio com a China, podemos observar isso no seguinte quadro

**Perfil das exportações e das importações da América Latina com a China – 2000 e 2008**  
(Em %)

Exportações para a China	2000	2008
Produtos primários	58,1	71,9
Bens industrializados	41,8	28,1
Baseados em recursos naturais	23,3	15,8
De baixa tecnologia	5,8	2,4
De média tecnologia	6,2	5,6
De alta tecnologia	6,5	4,3
Importações da China	2000	2008
Produtos primários	3,1	0,9
Bens industrializados	95,1	97,8
Baseados em recursos naturais	10,5	9,4
De baixa tecnologia	35,4	20,5
De média tecnologia	25,1	26,3
De alta tecnologia	24,2	41,6

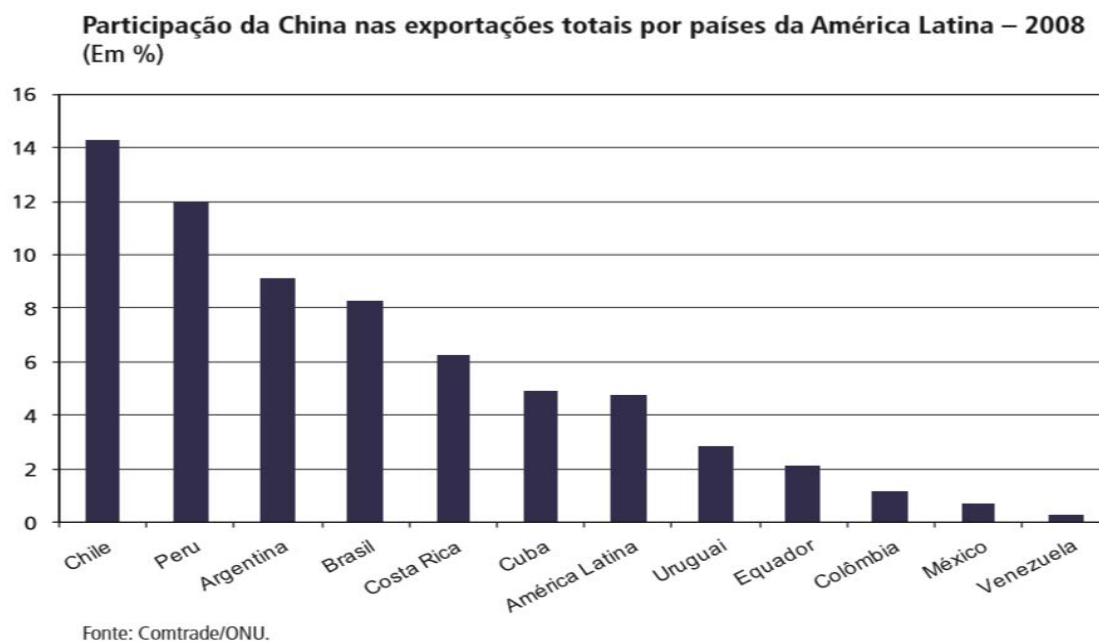
Fonte: Cepal.

## ANEXO 6

Dessa forma segundo Alexandre de Freitas Barbosa (IPEA Pag 293), a China faz com que as relações comerciais dos países latino-americanos se aproximem do que a Cepal descreveu como um padrão centro-periferia. A China estaria se utilizando da expansão de suas empresas com intuito de vantagens geopolíticas e economicas, sua proposta para o mundo seria um novo modelo de “rising power” justificado como a tese da “ascensão pacífica” onde a ascensão de uma potencia não seria pautada no unilateralismo e conflitos, e sim na cooperação e multilateralismo.

A importancia do IDE chinês se da pela necessidade de acesso as commodities para alimentar a maior população do mundo além da necessidade de muitos destes recursos para manter o crescimento de seu PIB, assim o IDE garante o acesso e estabilidade dos preços. Também favorece a competitividade em prol dos chineses que entram em vantagem no mercado de países de menor domínio tecnológico, (temos a presença da Chery no Uruguai, Tiens na Argentina, Brasil, Colombia, Equador, México, Peru e Venezuela; A Refinex e a Gree estabelecidas no Brasil) no que se refere as manufaturas. Ainda podemos citar as vantagens do aspecto geopolítico, uma vez que o dragão asiatico tem participado de uma serie de organizações multilaterais pela AL, o que alem de fortalecer sua influencia que passa a se projetar sob o modelo chamado Consenso de Beijing também serviu como ferramenta da pratica do que estes chamaram de modelo de “Ascensão Pacífica” em resposta ao EUA que acusa estes de pretenções imperialistas

sob a AL,. Podemos citar dentre estas organizações o BID (Banco Intraamericano de Desenvolvimento), ALADI (Associação Latino Americana de Integração), OEA (Organização dos Estados Americanos), CARICOM (Mercado Comum e Comunidade do Caribe) e o MERCOSUL.

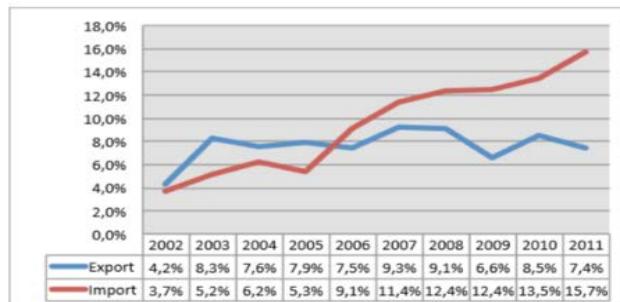


## ANEXO 7

O 12 Plano Quinquenal tem como uma de suas pautas aumentar a participação das multinacionais no PIB, assim irá se projetar o IDE das multinacionais chinesas pela AL.

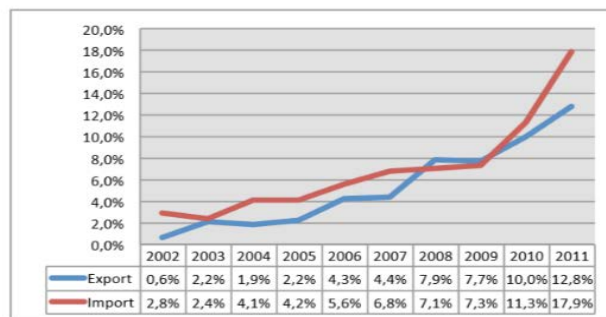
Segundo **Maria Rita** (2013, pág 49), em 2006 Venezuela foi o principal destino dos investimentos chineses para a região. Foi o ano em que China National Petroleum Corporation (CNPC) – empresa nacional chinesa - assinou um acordo com a subsidiária da PDVSA, Corporación Venezolana de Petróleo, para desenvolver e explorar Junín 4, um bloco de óleo pesado no cinturão Orinoco. Também foi quando a CNPC obteve direitos de produção nos campos de Caracoles e Intercampo, por meio de uma joint-venture com PDVSA. Em 2012, de acordo com seu vice-presidente, Wang Dongjin, a CNPC continuará investindo em projetos de upstream na Venezuela para aumentar sua produção, dos atuais 200 mil barris/dia para 800 mil até 2017 . No final de junho de 2012, China State Grid Corporation, a maior empresa estatal chinesa de transmissão e distribuição de energia, assinou um acordo de transmissão de energia de US\$1,31 bilhão com a Corporación Eléctrica Nacional da Venezuela (Corpoelec). O contrato inclui a construção de linhas de transmissão em Caracas e nas regiões adjacentes, aumentando significativamente a capacidade de transmissão da Venezuela.

Participação (%) da China no total exportado e importado pela Argentina para o período de 2002 a 2011.



#### ANEXO 8

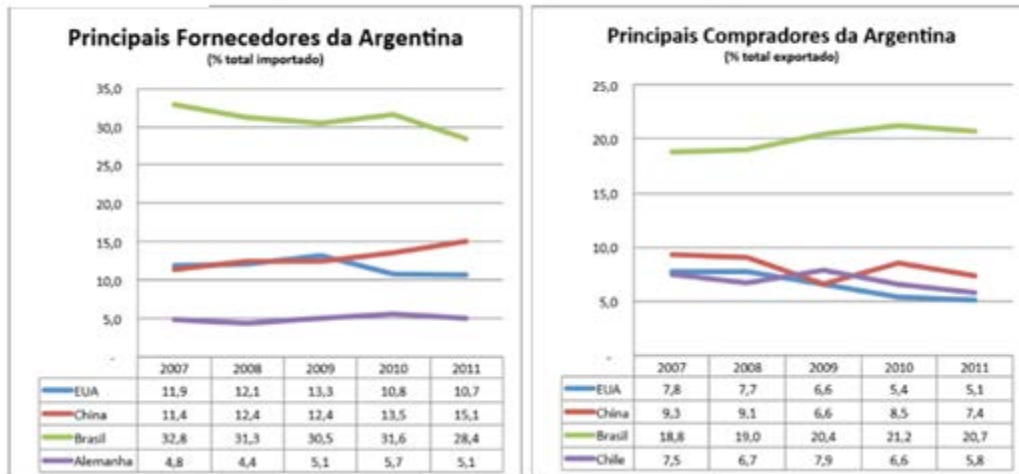
Participação (%) da China nas exportações e importações globais da Venezuela de 2002 a 2011



#### ANEXO 9

O IDE chinês na AL é produto do plano elaborado em 2002 do Going Out, o intuito era alavancar o PIB pelas multinacionais, e grande parte destas se direcionaram a países subdesenvolvidos, em desenvolvimento. Na AL há a presença na Venezuela da estatal petrolífera CNPC e a PDVSA assinam um acordo com o objetivo de explorar petróleo, além de outros acordos de joint-venture neste setor; no Chile a Huawei e a ZTE do setor de telecomunicações tem investido no desenvolvimento local, a Hebei Wehgen que está construindo um porto no litoral do atacama para escoar minério de ferro, também a estatal Sky Solar que em 2012 anunciou o investimento de 900 milhões para aumentar a produção de energia; Na Argentina o grupo agrícola Heilongjiang Beidahuang Nongken Group investiu no arrendamento de 300 mil hectares e ainda realizando joint-venture com a Cresud AS para comprar terras, também a Ghongqing Gran Group tem negociado investimentos em fazendas leiteiras, de soja, milho e algodão; No Peru temos a presença da Shougang no setor de mineração de cobre; No Equador, Colômbia e Brasil temos a Sinopec investindo na extração de petróleo.

## Principais fornecedores e compradores da Argentina



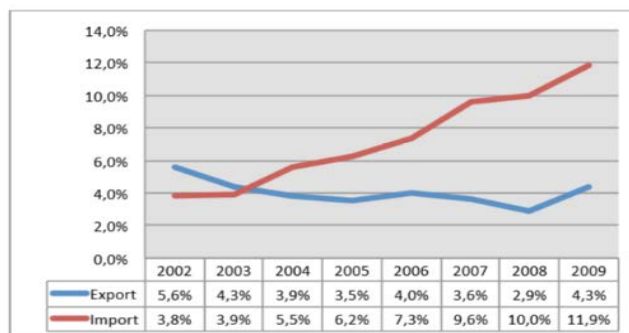
### ANEXO 10

Participação (%) da China no total exportado e importado pelo Chile para o período de 2002 a 2011



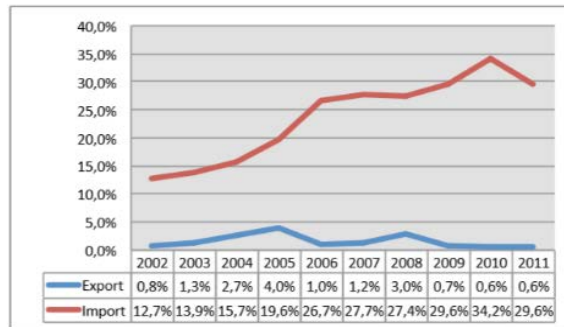
### ANEXO 11

Participação (%) da China no total exportado e importado pelo Uruguai para o período de 2002 a 2009<sup>34</sup>



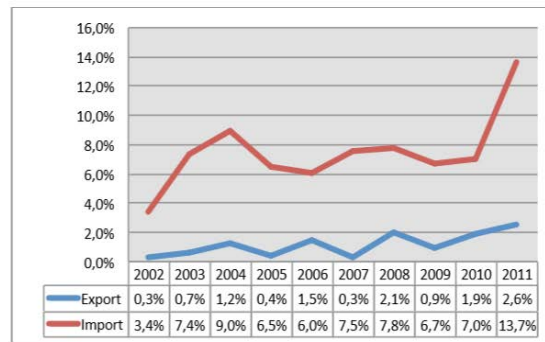
### ANEXO 12

Participação (%) da China no total exportado e importado pelo Paraguai para o período de 2002 a 2011



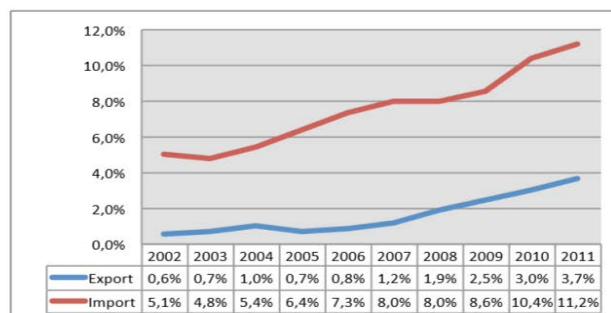
#### ANEXO 13

Participação (%) da China nas exportações e importações globais do Equador de 2002 a 2011



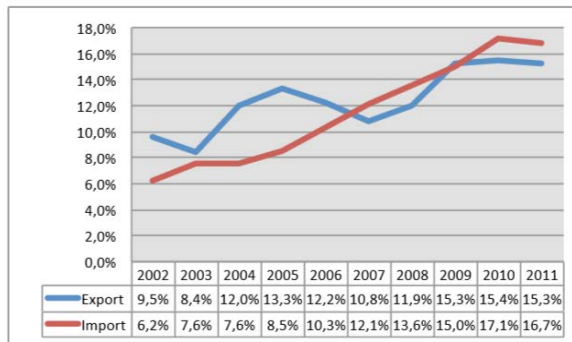
#### ANEXO 14

Participação (%) da China nas exportações e importações globais da Bolívia de 2002 a 2011



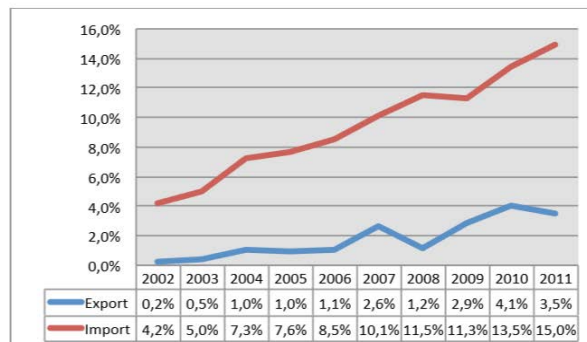
#### ANEXO 15

Participação % da China nas exportações e importações globais do Peru  
de 2002 a 2011



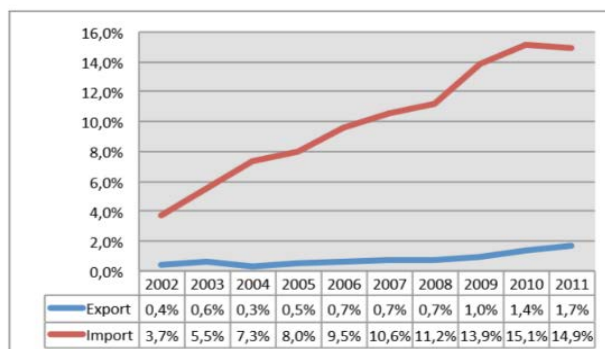
ANEXO 16

Participação (%) da China nas exportações e importações globais da Colômbia de  
2002 a 2011



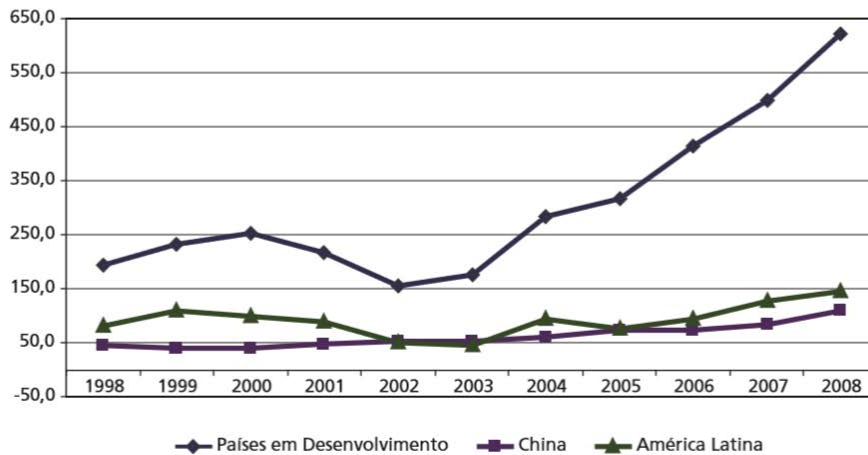
ANEXO 17

Participação (%) da China no total exportado e importado pelo México  
para o período de 2002 a 2011



ANEXO 18

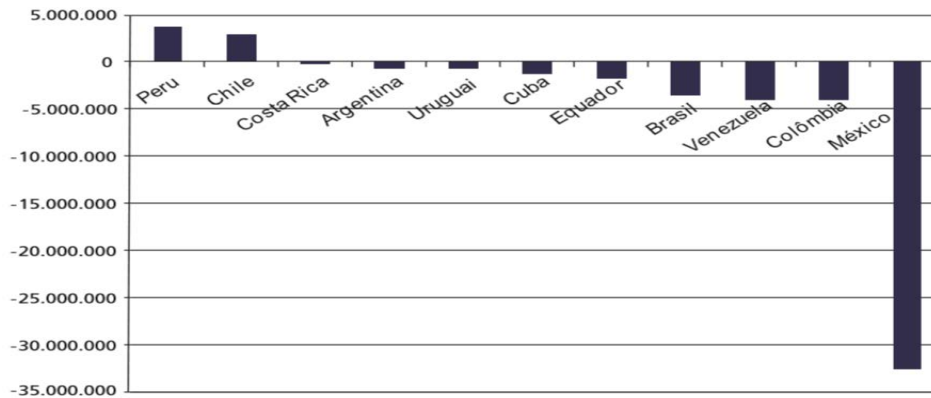
**Estoque de IDEs para os países em desenvolvimento – América Latina e China, 1998-2008**  
(Em US\$ bilhões)



Fonte: UNCTAD.

## ANEXO 19

**Saldo comercial dos vários países da América Latina com a China – 2008**  
(Em US\$ milhares)



Fonte: Comtrade/ONU.

## ANEXO 20

A cerca das assimetrias de troca com os fornecedores de commodities, a China que “destroi” industrias latino americanas, como no caso da Argentina no setor textil e de sapatos, aconselha a estes abandonar estes segmentos industriais e focar-se nas commodities. O que evidencia claramente uma prática imperialista na AL, semelhante ao que ocorria entre Reino Unido e Índia até o final do século XIX.

## A CHINA E O TIGRE DA AMÉRICA DO SUL

O início da aproximação sino-brasileira ocorre no início do século XIX, quando a dinastia Qing governava a China, algumas centenas de camponeses chegam ao Brasil para cultivar chá. Em 1881 é assinado o primeiro tratado de amizade pautado em primeiro no estabelecimento oficial das relações diplomáticas entre as nações; segundo na promoção do intercâmbio, liberdade de migração, e tratamento da nação mais favorecida; por último a promoção do comércio proibindo o tráfico do ópio. Logo é aberto o primeiro consulado brasileiro em Xangai em 1883, porém toda relação em todo este período foi pouco expressiva e um distanciamento durante a guerra fria quando o Brasil se aproxima do EUA e retira seu consulado de Xangai.

A aproximação entre Brasil e China tem sua próxima tentativa durante o governo de Janio Quadros em período de guerra fria, porém apenas depois da reaproximação EUA e China o Brasil considera aproximar-se de outra economia independente da questão ideológica. Assim a maior interação de fato ocorre após a aproximação entre China e EUA com a visita do presidente Nixon a Pequim, em 1974 no governo Geisel é assinado um comunicado para se estabelecer relações diplomáticas entre ambos, estas pautadas no respeito mútuo a soberania do outro sem intervir nos assuntos internos, e o comprometimento a trabalhar com afim de criar uma ordem que levasse em conta os interesses dos dois países em desenvolvimento pautada nos cinco princípios da coexistência pacífica.

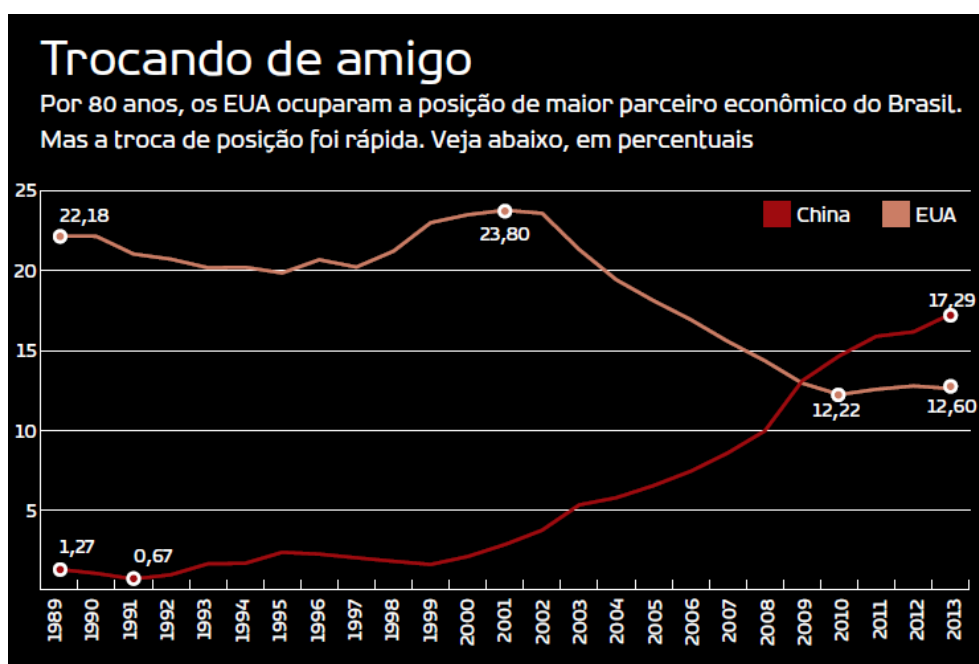
Em um segundo em 1989 com a ida do presidente José Sarney a China, são assinados acordos de cooperação científica para o programa CBERS (China Brasil Earth Resources Satellite) que serviria para o monitoramento dos recursos terrestres. Em 1993 o presidente Jiang Zemin vem ao Brasil durante a presidência de Itamar Franco, e a partir daí é dado o status da relação entre os países de “parceria estratégica”. As relações se intensificam durante o governo Lula que realiza duas visitas a China que são retribuídas pelo presidente Hu Jintao.

Segundo William Gonçalves a lógica das relações internacionais é econômica, funcionando portanto segundo as leis de mercado, conseqüentemente qualquer pretensão de alterar a ordem internacional resulta em desgaste com os países desenvolvidos que detem o poder econômico, assim apenas mantendo boas relações com esses países se pode suprir a insuficiência de poder econômico e político nas relações internacionais..

Por rejeitar essa interpretação fatalista em relação ao sistema internacional, e submissa aos interesses dos países desenvolvidos, e por entender, por consequência, que a ordem internacional pode ser alterada de modo que se torne menos desconfortável aos países em desenvolvimento, bastando para isso negociar politicamente com aqueles países que percebem a evolução do sistema internacional de modo semelhante, a diplomacia do governo Lula estreitou os laços com a China. (GONÇALVES W, 2013, p. 50)

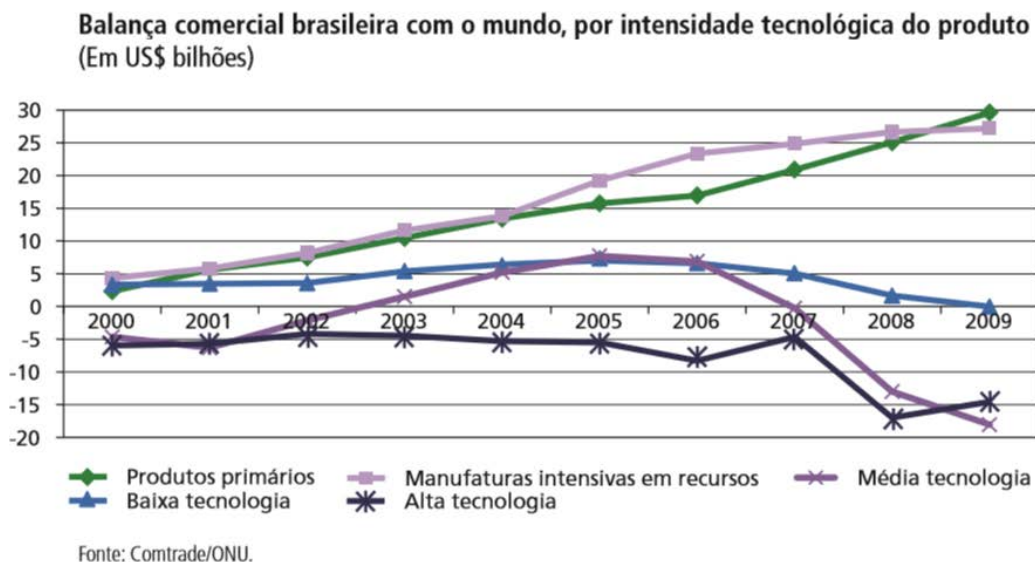
Observamos que as relações sino-brasileiras se intensificam em um período de mudança da ordem internacional que é caracterizada pela redistribuição de poder, assim não se resumem ao comércio, em 1988 havia sido assinado o Protocolo de pesquisa e produção conjunta de satélites, como consequência dessa aproximação no âmbito tecnológico e científico, em 1999 é lançado o primeiro satélite sino-brasileiro CEBERS, e logo em 2000 é realizado o projeto da produção conjunta dos CEBERS 3 e 4, sendo que o CEBERS 2 e 2B são lançados em 2003 e 2007 respectivamente.

A relação Brasil-China cria diversas mudanças e possibilidades para o futuro do país. Sob o aspecto econômico, o comércio brasileiro teve um crescimento progressivo desde 2000, tendo triplicado até 2010, os saldos se mantêm em superávit apesar de desaceleração. Uma mudança expressiva da importância da China no comércio brasileiro ocorre durante o período da crise de 2008, quando a economia mundial entra em recessão as exportações brasileiras para o mundo entram em queda enquanto as exportações para a China mantêm o ritmo de crescimento.



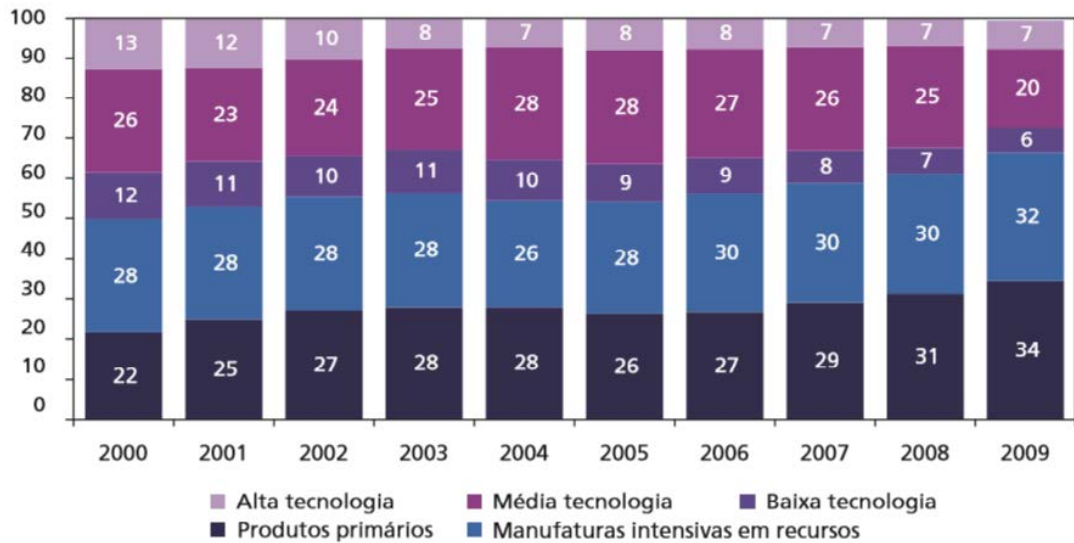
É interessante observar que a partir deste momento a cesta de exportações brasileiras passam a ter maior composição de commodities, o que desfavorece a indústria nacional e a articulação comercial regional na América Latina que passam por um processo gradual de reprimarização da economia dependendo cada vez mais das commodities.

É importante analisarmos alguns aspectos da relação comercial sino-brasileira. Primeiramente, apesar das desvantagens da cesta de importação que coloca o Brasil em uma séria questão que é a deterioração dos termos de troca, o saldo comercial é positivo, e ainda dentro deste aspecto devemos destacar que a solução para a questão exposta não está nas mãos dos chineses, é uma questão interna. Em segundo lugar é importante observar que existe pouca pressão interna no que se refere à concorrência das manufaturas chinesas que prejudicam o comércio brasileiro interno e na América Latina. Por último, a China tem investido maciçamente nos setores do agronegócio no que se refere ao desenvolvimento científico, tecnológico e a toda infraestrutura necessária para manter este comércio de forma bilateral. Em 2009 a UFRJ inaugura um centro de pesquisa em Pequim em parceria com a universidade de Tsinghua, a fim de desenvolver projetos acadêmicos em biotecnologia e exploração de petróleo.



ANEXO 22

**Evolução da pauta exportadora brasileira com o mundo – participação dos produtos, por intensidade tecnológica**  
(Em %)

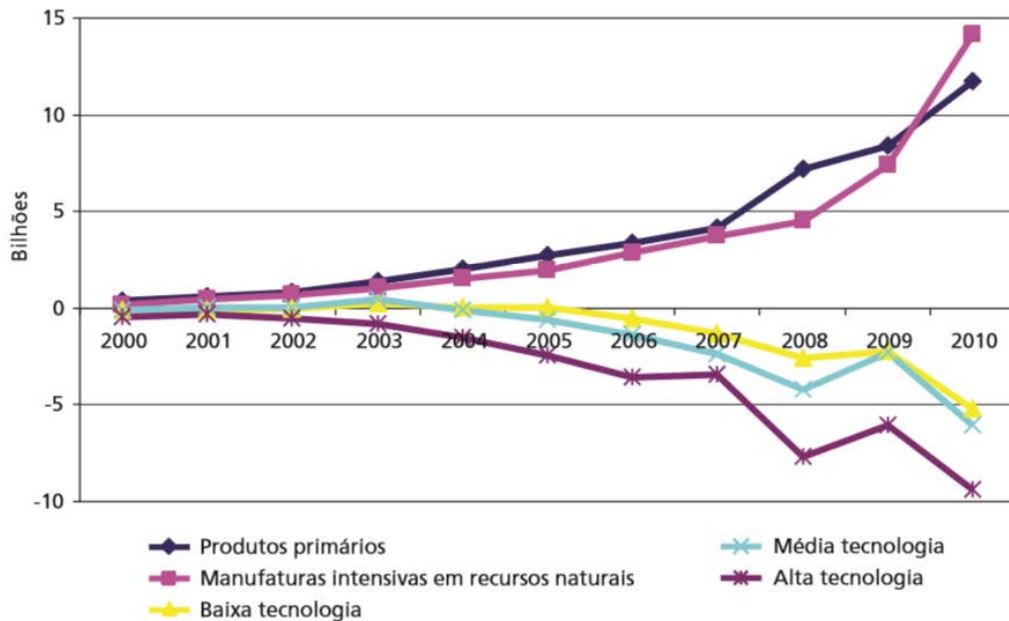


Fonte: Comtrade/ONU.

**ANEXO 23**

A China se torna em 2010 o primeiro maior importador de mercadorias brasileiras, por outro lado as importações brasileira também passam a vir predominantemente da China, com decréscimo das importações da Alemanha, EUA, Argentina. No mesmo período cresce o fluxo de IDE chines no Brasil, ocupando setores estratégicos que possam manter o fluxo de commodities, como no agronegócio pelo qual os chineses tem adquirido a propriedade de terras no Brasil, porém verifica-se ainda a falta de dados que possam expressar de fato o fluxo de IDE chines para o Brasil pelo fato de muitas empresas estatais enviarem recursos a partir de outros países. Por outro lado o IDE brasileiro se mantém em queda, tendo um decréscimo de até 30% até o final de 2010, o motivo é o forte controle do Estado para a entrada de multinacionais nos setores considerados estratégicos ou mesmo a dificuldade pela imposição do sistema de operação em parcerias com empresas chinesas.

**Balança comercial do Brasil com a China, por intensidade tecnológica do produto**  
(Em bilhões)



Fonte: Comtrade/ONU.

#### ANEXO 24

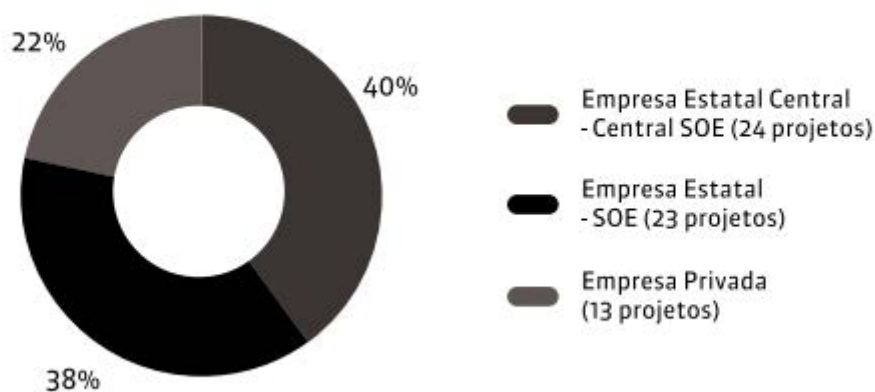
As mudanças proporcionadas pelas relações comerciais entre os países abre possibilidades e riscos ao mesmo tempo. Cabe o Brasil se utilizar do benefício do superávit comercial e exercer políticas ativas em um período de catch up tecnológico, ou sacrificar o futuro no processo de reprimarização da economia se apoiando nas commodities levando a uma especialização industrial regressiva. As possibilidades não se restringem apenas ao superávit comercial, a participação brasileira em organizações políticas e financeiras chinesas possibilitam o papel mais ativo de muitos países em desenvolvimento ao “diluir o poder do hegemom” através de organizações multilaterais

De acordo com o Cebec em 2010 o Brasil se tornou o principal destino do IDE chines, num total de US\$ 13,7 bilhões. Dos investimentos chineses anunciados em 2010, 45% foram para o setor de energia (petróleo e gás), 20% para o agronegócio, 20% para mineração, 10% para siderurgia, 3% para energia elétrica e 2% para manufatura<sup>23</sup> (CEBC, 2011). Em 2011, a empresa Chongqing Polycomp International Corporation investiu no setor de fibras de vidro, em Capivari, SP . A empresa Huawei, de telecomunicações, decidiu pelo investimento de US\$ 300 milhões em Campinas. A ZTE, investiu US\$200 milhões na construção de um parque industrial em Hortolândia, SP. A empresa Chongqing Grain Group deve investir cerca de US\$4 milhões na construção de

um complexo industrial para o processamento de soja em Barreiras, Bahia, uma processadora de fertilizantes e um sistema de armazenagem e logística de grãos. A Foxconn anunciou investimentos em Jundiaí, SP, que podem chegar a US\$3 bilhões com a construção da fábrica de telas.

Nos últimos cinco anos, 44 empresas chinesas demonstraram interesse em ingressar no Brasil com o anúncio de projetos de investimento. Dentre esse conjunto de empresas, pode-se identificar três grupos distintos: Central SOE, SOE e empresas privadas. As Central SOE (Central State-Owned Enterprises) representam um conjunto de 117 grandes corporações, pertencentes a setores estratégicos da economia chinesa e que estão sob a supervisão direta do governo central. Essa supervisão é feita pela Stated-Owned Assets Supervision Commission (SASAC), instituição com status de ministério e autorizada pelo Conselho de Estado a assumir as responsabilidades de representante do interesse do Estado chinês nessas grandes corporações estatais. (CEBC 2011)

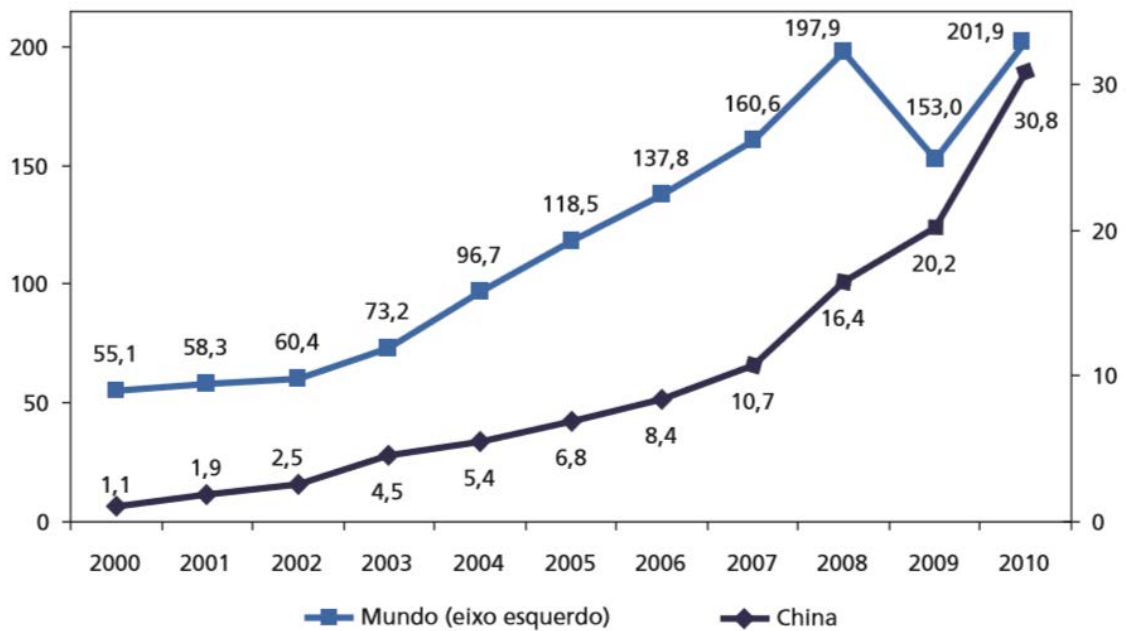
**Gráfico 6 - Projetos de investimento por estrutura de propriedade  
- janeiro de 2007 a junho de 2012**



Fonte: Lista consolidada CEBC

ANEXO 25

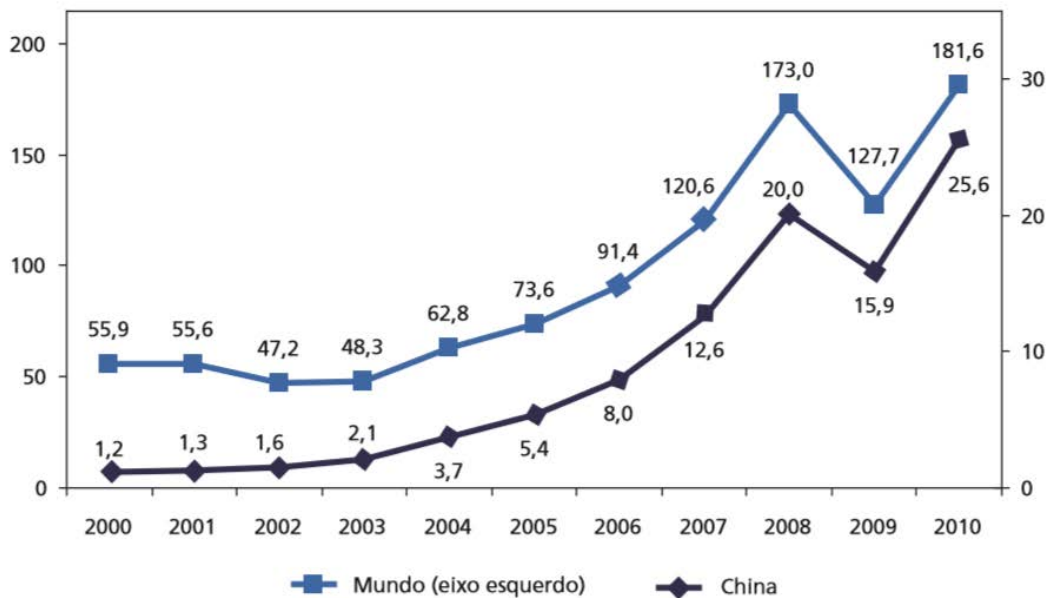
**Exportações brasileiras para o mundo e para a China**  
(Em US\$ bilhões)



Fonte: Comtrade/Organização das Nações Unidas (ONU).  
Elaboração dos autores.

ANEXO 26

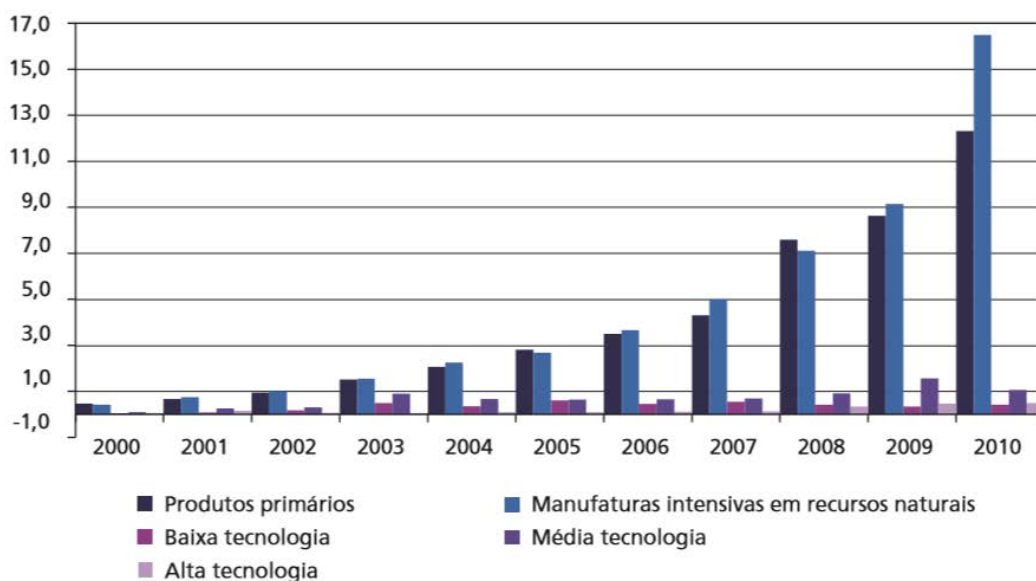
**Importações brasileiras do mundo e da China**  
(Em US\$ bilhões)



Fonte: Comtrade/ONU.  
Elaboração dos autores.

ANEXO 27

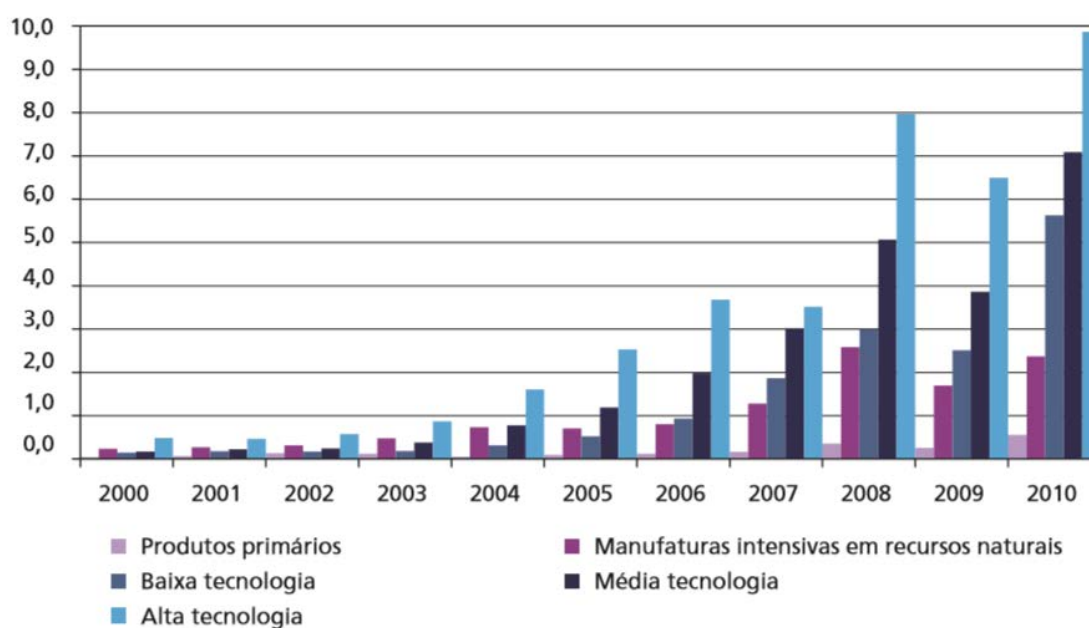
**Pauta exportadora do Brasil com China, por intensidade tecnológica do produto**  
(Em US\$ bilhões)



Fonte: Comtrade/ONU.

ANEXO 28

**Pauta importadora do Brasil com a China, por intensidade tecnológica do produto**  
(Em US\$ bilhões)



Fonte: Comtrade/ONU.

ANEXO 29

## ANEXOS

ANEXOS 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 19, 20, 22, 23, 24, 26, 27, 28, 29. Retirados de: ACIOLY, Luciana, Rodrigo Pimentel Ferreira Leão, Eduardo Costa Pinto (orgs.). *A China na nova configuração global: impactos políticos e econômicos*. Brasília/DF: Ipea, 2011.

ANEXOS 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18. Retirados de: MARIA RITA VITAL. *A Presença da China na América Latina no séc XXI*. Rio de Janeiro 2013. UFRJ

ANEXO 21. Retirado de: Unesp Ciência, julho 2014

ANEXO 25. Retirado de CEBC: Disponível em <http://www.cebc.org.br/pt-br/projetos-e-pesquisas/investimentos-chineses-no-brasil>

## CONCLUSÃO

Históricamente a China sempre teve seu impacto regional sob os aspectos comerciais e políticos. Houve um hiato de sua hegemonia regional proporcionado pelo imperialismo europeu que utilizou de sua superioridade bélica para subjugar o “Império do Meio” como se referiam as antigas dinastias, assim podemos dizer que a ascensão chinesa pode ser classificada mais como uma re-ascensão. Neste trabalho discorreremos sobre a dinâmica desta re-ascensão e seus impactos regionais e globais, podemos perceber assim que este episódio não é novo, apenas modernizou-se, o Estado chinês utiliza-se de seu autoritarismo e nacionalismo milenares para exercer políticas imperialistas, ainda podemos dizer que assim como antigos impérios que dominaram a região acabaram por sofrer “achinesamento” o próprio capitalismo teria sido cooptado pelo Estado chinês adquirindo características diferenciadas que pudessem favorecer o país.

A China atingiu em poucas décadas um alto grau de desenvolvimento, exercendo hoje o papel de hegemom regional, ultrapassando muitos de seus vizinhos. A economia de mercado sob o controle do Estado possibilitou este a se utilizar das assimetrias de troca para “equilibrar a balança” de desenvolvimento tecnológico, industrial e o acúmulo de capital a seu favor, possibilitando assim exercer o papel de centro manufatureiro asiático comercializando produtos de maior intensidade técnica gradualmente conforme adquire expertise.

Em toda esta dinâmica foi essencial a simbiose EUA-CHINA assim como as relações com Moscou, pois a política externa somada as características geográficas chinesas possibilitou a mesma se beneficiar destes elementos em sua diplomacia. A nova configuração global que surgiu pós-guerra fria foi construída em meio a disputas diplomáticas em escala mundial, a China teve papel central neste processo. Para se compreender a ascensão chinesa devemos analisar o desenrolar das relações internacionais no mundo bipolar e o desenvolvimento do capitalismo na Ásia, onde a China mesmo antes de ser uma potência nuclear, possuía impacto político expressivo podendo em muitos momentos conduzir as relações diplomáticas a seu favor.

Tendo servido aos interesses norte-americanos de enfraquecimento da URSS, a parceria EUA-China se estreitaria significativamente após o fim da URSS (embora a China também tenha se aproximando da Rússia). E longe de enfraquecer a hegemonia norte-americana, o casamento China-EUA teria fortalecido a posição de potência mundial

dos EUA, financiando seus déficits (e assim parte das despesas militares) e promovendo o barateamento da produção por meio da transferência de unidades produtivas para a Ásia e da entrada de produtos manufaturados baratos no mercado americano. Por sua vez, a abertura do mercado norte-americano aos produtos chineses foi decisiva ao denominado “milagre chinês” e emergência da China como “fábrica do mundo”. O país é o maior credor dos EUA, com reservas ultrapassam os U\$\$ 3,5 trilhões, dos quais em torno de 70% estariam aplicados em dólar.

Para a América Latina, apresentamos a problemática da re-primarização da economia devido a demanda por commodities e a concorrência industrial chinesa. Sendo que os investimentos chineses na AL estão focados no em toda a infraestrutura do setor de exportação de commodities. O que favorece a manutenção das relações desiguais, porém como foi abordado, a falta de desenvolvimento industrial é um produto da política interna, assim como houveram tigres asiáticos que não atingiram alto grau de desenvolvimento, também houveram os que atingiram como observamos os diferenciais que influenciaram este processo. O caso dos NPIs foi fruto de vontade política interna aliado a dinâmica externa política e econômica, o caso do Brasil se assemelha mais com os NPIs-2 que tiveram dificuldade de atingir tal desenvolvimento apesar de um contexto externo favorável. Por fim, as perdas da relação sino-brasileira são antes um problema cuja solução está nas mãos do próprio Brasil do que na dos chineses, que oferecem benefícios econômicos e políticos apesar de práticas imperialistas, que tem se mostrado um estilo mais “brando” que o norte-americano.

## BIBLIOGRAFIA

ACIOLY, Luciana, Rodrigo Pimentel Ferreira Leão, Eduardo Costa Pinto (orgs.). *A China na nova configuração global: impactos políticos e econômicos*. Brasília/DF: Ipea, 2011.

FIORI, J. L.; MEDEIROS, C.; SERRANO, F. (2008). *O mito do colapso do poder americano*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2008.

FIORI, José Luís. Sobre o desenvolvimento chinês. Carta Maior, 27/02/2013. Disponível em <http://www.cartamaior.com.br/?/Coluna/Sobre-o-desenvolvimento-chines/27532>, acesso em 27/06/2014.

\_\_\_\_\_. Sobre o desenvolvimento chinês IV. Carta Maior, 30/05/2013. Disponível em <http://www.cartamaior.com.br/?/Coluna/Sobre-o-desenvolvimento-chines-IV/28608>, acesso em 27/06/2014.

NOGUEIRA Camila Martins Oliveira da Silva. A atuação da China no Conselho de Segurança das Nações Unidas 1971 – 2010. São Paulo, fevereiro 2012. Universidade de São Paulo – Instituto de Relações Internacionais (Mestrado)

OURIQUES, Helton Ricardo; ANDRADE, Ricardo Sugai. Desenvolvimento, Migração e Urbanização na China. *Revista de Desenvolvimento Econômico*, Ano XII nº 21 Julho 2010 - Salvador BA.

QUAGIO Ivan. Olhos Abertos A história da nova China. São Paulo: Francis, 2009

SOUZA, Angelita Matos. BNDES, campeões nacionais, expansionismo e integração regional. III Congresso CLADHE, 2013. Disponível em: , acesso em 30/06/2014.

\_\_\_\_\_. Desenvolvimento, expansionismo e integração regional. 2º CODE/IPEA, 2011. Publicado no site do IPEA. Disponível em <http://www.ipea.gov.br/code2011/chamada2011/pdf/area11/area11-artigo18.pdf>, acesso em 30/06/2014.

ALEXANDRE ZHEBIT. Brasil-China, construindo o BRICS. Rio de Janeiro 2013: Editora UFRJ

ROSANA PINHEIRO MACHADO. China – Passado e Presente. Porto Alegre 2013. Editora Artes e Ofícios

ROSANA PINHEIRO MACHADO. Made in China, informalidade, pirataria e redes sociais na rota China-Brasil-Paraguai. São Paulo 2011. Editora Hucitec

HENRY KISSINGER. Sobre a China. Rio de Janeiro 2011. Editora Objetiva

JOHN KING FAIRBANK. China Uma Nova História. Porto Alegre 2006. Editora L&PM

MARIA RITA VITAL. A Presença da China na América Latina no séc XXI. Rio de Janeiro 2013. UFRJ

FURTADO, C. Introdução ao desenvolvimento: enfoque histórico-estrutural. 3ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

CONSELHO EMPRESARIAL BRASIL CHINA, Investimentos chineses no Brasil. Disponível em <http://www.cebc.org.br/pt-br/projetos-e-pesquisas/investimentos-chineses-no-brasil>